HORIZONTE ISSN 2175-5841 PUC Minas Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Resenha

DOI – *10.5752/P.2175-5841.2016v14n43p1147*

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. V. 1: Confucionismo e Taoísmo. Petrópolis: Vozes, 2016. 410p.

Adriene dos Anjos Noronha*

O livro do sociólogo alemão Max Weber intitulado *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião* foi escrito entre 1915 e 1920. Este é o primeiro volume de uma série que aborda as religiões mundiais. Nesta publicação, dividida em três partes, o autor trata do confucionismo e do taoísmo.

Após o *Prefácio à edição brasileira,* escrito pelo sociólogo Gabriel Cohn, Max Weber inicia a primeira parte do livro, chamada de *Uma Introdução*, falando sobre as religiões mundiais. Além do judaísmo, ele aborda cinco sistemas religiosos que possuem grande número de seguidores: confucionismo, hinduísmo, budismo, cristianismo e islamismo. Ele explica, também, que trata neste estudo da ética econômica, ou seja, de um modo de agir específico presente em um determinado contexto histórico e fruto de fatores diversos. A conduta de vida dos grupos sociais é, portanto, determinada pela conjuntura formada em uma dada sociedade e por condições sociais específicas responsáveis por sua ética econômica.

Resenha recebida em 06 de julho de 2016 e aprovada em 15 de setembro de 2016.

* Mestranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Minas. Bolsista CAPES. País de origem: Brasil.
E-mail: adrieneanjosnoronha@gmail.com

Entre esses fatores, se destaca a religião, que exerce influência sobre os diversos grupos sociais. Como parte dela, Weber ressalta os elementos de racionalização, conceito também presente em outras obras. Neste caso, a racionalização aborda a noção ética de religião presente tanto nos estratos dominantes como nos dominados, tanto nas sociedades primitivas como nas mais desenvolvidas. O racionalismo gerado pelo comportamento de determinados estratos sociais é o responsável por exercer importante influência na atitude religiosa dos indivíduos.

Contudo, Weber aponta que a racionalização levou a religião ao irracional, pois a conduta de vida também carrega os pressupostos irracionais de nossa existência. Como exemplo, Weber fala da salvação. Enquanto algumas religiões apontam que ela está no "outro mundo", outras a enxergam na vida terrena, como é o caso do confucionismo e do taoísmo na China. Weber também ressalta que foi no seio da burguesia que foram criadas as oportunidades de regular a vida cotidiana por meio de uma ética racional, já que esse estrato social era afeito ao racionalismo técnico e econômico contido em diversos tipos de dominação.

Por meio de um método comparativo, Weber faz um estudo sobre os sistemas religiosos da China, analisando alguns traços das religiões e suas relações com o racionalismo econômico. Para isso, ele buscou as estatísticas econômicas, receitas estatais e demais informações contidas em anais governamentais.

No capítulo I (parte II), de nome *Fundamentos sociológicos: cidade, príncipe e Deus*, Weber destaca o caráter urbano das cidades amuralhadas presentes na história da China. Também fala do comércio interno e externo e da economia chinesa ao longo de séculos, com destaque para os diversos bens de natureza material que serviram como moeda, entre eles o ouro, a prata e o cobre. O autor relata alguns problemas referentes ao sistema monetário chinês, como aqueles relacionados à mineração, cunhagem, escassez e acumulação dos metais. Como exemplo cita o que ocorreu nos mosteiros budistas com o uso do metal em

estátuas e ornamentos. Ressalta a valorização e desvalorização da moeda, da posterior emissão de papel moeda e das dificuldades características de um grande império decorrentes da ordem política. E destaca um fato singular: o aumento da posse do metal fortalecendo a economia monetizada, contudo, sem aspectos capitalistas.

Ainda sobre as cidades, Weber faz um comparativo entre esse tipo de organização na China e no ocidente e outras partes do oriente. Ele destaca a presença das corporações de ofício presentes nas cidades chinesas, às quais faltava base jurídica, diferenciando-as daquelas do ocidente. Em comparação com a Ásia Menor, Weber explica como se desenvolveram as bases políticas de organização do Império chinês e sua relação com a concepção de deuses e espíritos. Para tanto relata o poder carismático dos monarcas e suas influências sobre os espíritos.

No capítulo II, *Fundamentos sociológicos: Estado feudal e prebendal,* Weber inicia falando sobre o caráter carismático e hereditário do feudalismo chinês. Também aponta as diferenças com o ocidente, a organização originária por meio de clãs, e as transformações ocorridas ao longo de sua existência e também com o fim do sistema. O capítulo passa, então, a tratar da questão de organização política a partir da ideia de reconstituição do Estado unificado burocrático baseado em uma administração racional e com elementos do patrimonialismo. Nesse universo, destaca-se o funcionalismo público sustentado por prebendas. O autor ainda discorre sobre os encargos públicos, principalmente sobre o sistema tributário.

No capítulo III, intitulado *Fundamentos sociológicos: administração e estrutura agrária*, Weber aborda a questão do grande aumento populacional ligado a um maior cultivo do solo, com destaque para a sericicultura e rizicultura. Com o objetivo de apresentar a estrutura agrária chinesa, o autor faz uma relação com o sistema fiscal, com as reformas fundiárias e as questões de posse, venda, arrendamento e transferência das terras. Destaca o avanço da monetização da

economia, mas resguarda o domínio da tradição do trabalho com as terras dos pequenos produtores.

O capítulo IV – *Fundamentos sociológicos: autoadministração, direito e capitalismo* – trata, em um primeiro momento, da ausência de relações de dependência capitalista. Voltado apenas para o mercado, o capitalismo viu o impedimento de seu avanço em um Estado onde prevalecia a burocracia e o patrimonialismo. Mas a economia também era regulada por deveres morais estabelecidos entre os membros de um clã com características patriarcais. O clã mantinha sua coesão por causa do culto aos ancestrais e da crença no poder desses espíritos que eram regularmente homenageados em seus pavilhões nas aldeias. Nesses locais, também havia um templo com jurisdição para assuntos diversos. Portanto, cada aldeia era auto administrada.

O capítulo V – *O estamento dos letrados* – aborda os aspectos culturais na formação da população chinesa de orientação confuciana. O nível de letramento era determinante para alcançar os melhores cargos e definir a posição social. Isso se dava por meio da instrução recebida e do bom desempenho nos exames para os cargos de servidores na administração pública. Weber concentra-se na educação chinesa e na aquisição de privilégios que a camada de letrados podia adquirir. Havia também o anseio de atingir a perfeição por meio do letramento e de uma conduta de vida ética, o que garantia a uma pessoa um carisma mágico empregado diante de problemas diversos.

Em *A orientação confuciana da vida* – capítulo VI – Weber destaca que a hierocracia não era um estamento poderoso, já que o culto era assunto de Estado e o imperador possuía legitimação divina. Os ritos oficiais eram ditados pela doutrina baseada na ética social do confucionismo. Nesse sistema, podia-se progredir moralmente à medida que se avançava na formação intelectual por meio dos clássicos. Assim, cumpria-se a ordem e a disciplina exigidas, pois apenas dessa maneira agia-se racionalmente. Uma das fortes características do confucionismo

era a ética laica de valores intramundanos e pacifista, sempre vivida sob o patrimonialismo estatal.

O capítulo VIII – *Ortodoxia e heterodoxia (Taoísmo)* – mostra que os ritos tradicionais eram atribuição dos clãs em memória dos antepassados e do Estado de acordo com os interesses da comunidade. A ortodoxia desses ritos se ligava à doutrina filosófica confuciana incorporada pelo Estado chinês. Contudo, Weber aponta para a existência de ritos não oficiais, heterodoxos, e, portanto, fora do confucionismo. Dessas escolas surge o tao, o princípio do taoísmo que valoriza a experiência mística. O taoísmo foi sustentado por uma forte hierocracia que fugia ao culto clássico estatal, caracterizando-se pelo cultivo da magia e pelas concepções animistas racionalizadas. Além disso, possuía um caráter não letrado, o que o diferenciava do confucionismo, por isso mesmo atingia outras esferas sociais.

Para entender a conduta de vida chinesa, desde as formas de socialização até a crença nos espíritos, Weber faz uma comparação entre o racionalismo confuciano e o racionalismo protestante. O entendimento sobre a racionalização de uma religião parte de sua separação da magia, o desencantamento do mundo. Ele destaca a enorme diferença entre o sistema chinês e o capitalismo moderno ocidental. Na China, a riqueza era um valor ético e com ela buscava-se chegar ao aperfeiçoamento moral por meio do estudo literário e da preparação para os exames.

A terceira parte do livro apresenta o título principal de *Religiões mundiais* e o subtítulo *Uma consideração intermediária: teoria dos estágios e direções da rejeição religiosa do mundo*. Weber fala sobre as éticas religiosas de negação do mundo criada pelos intelectuais. Explora a questão da religiosidade e da salvação pelas via da ascese ocidental representada pelo agir mundano, e pela mística oriental representada pela fuga contemplativa da experiência sentida. Porém, tanto a ascese quanto a mística originaram-se de pressupostos mágicos que despertavam qualidades carismáticas e que, ao longo do tempo, passaram por processos de

racionalização da salvação. Nas diversas éticas religiosas, essas relações ocorreram em diferentes esferas: na doméstica, na econômica, na política, na estética, na erótica e na intelectual.

Essa cultura da racionalização, encabeçada pelo pensamento teórico, colocou os indivíduos em conflitos com os postulados religiosos. Com essa última análise, chega ao fim o livro de Max Weber dedicado ao confucionismo e taoísmo. Ao mesmo tempo, o autor mostra o caminho para novas discussões sobre a ética das religiões mundiais, que serão tratadas na sequência desta obra.

Pensar a ética econômica chinesa com base no confucionismo e no taoísmo leva o pesquisador de Ciências da Religião a outra perspectiva religiosa, diferente daquela adotada no ocidente. Assim, a obra de Max Weber contribui para o conhecimento de novas culturas, seus sistemas de crenças e características religiosas. Este estudo, para além da dimensão mística da religiosidade chinesa, mostra um grande conhecimento dessa sociedade. Nesse sentido, a experiência com o sagrado contribui para a teoria social.